

Sociedade em Tumulto

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**PEDRO RICARDO GOUVEIA FONSECA<sup>1</sup>**

*Universidade de Coimbra*

**EDWARD O. WILSON, A CRIAÇÃO. UM APELO  
PARA SALVAR A VIDA NA TERRA**

Tradução de Maria Adelaide Ferreira,  
Lisboa, Gradiva, 2007, p. 84.

“A criação, quer acredite que foi colocada neste planeta por um acto único de Deus ou aceite as evidências científicas de que evoluiu autonomamente durante milhares de milhões de anos, é o maior património, para além da própria mente racional, alguma vez concedido à humanidade”

Em Novembro de 2007, a Gradiva fez publicar uma tradução da obra de Edward O. Wilson, *The Creation: An Appeal to Save Life on Earth* (2006). Edward Osborne Wilson, um dos biólogos e pensadores evolucionistas mais influentes de sempre, nasceu em Birmingham, Alabama, EUA, em 1929. O cristianismo evangélico (Igreja Baptista do Alabama), em que foi criado, e a paixão pela natureza, que desenvolveu desde cedo, foram dois factores que influenciaram profundamente a sua formação. Com o tempo, a fé cristã cederia o seu lugar a um humanismo científico na sua percepção do mundo. Wilson prosseguiu os seus estudos em biologia evolutiva na Universidade de Alabama e, posteriormente, na Universidade de Harvard, onde se especializou no estudo de insectos sociais (sobretudo formigas) e onde foi professor durante mais de quatro décadas. É autor de uma vasta produção científica, de entre a qual sobressaem algumas obras de referência da biologia moderna, nomeadamente *Sociobiology: The New Synthesis* (1975), distinguida

599

---

<sup>1</sup> Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Investigador do CEIS20 (Grupo de História e Sociologia da Ciência) – Universidade de Coimbra; Bolseiro da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia); email: pedrorgfonseca@gmail.com

como a obra mais importante sobre o comportamento animal pela Animal Behaviour Society e que esteve na origem de uma intensa discussão académica nos anos que se seguiram à sua publicação. Ao longo da sua carreira, Wilson foi distinguido com vários prémios de prestígio nacional e internacional, incluindo o Prémio Crafoord (atribuído pela Real Academia Sueca de Ciências para as áreas não abrangidas pelo Prémio Nobel) em 1990 e dois prémios Pulitzer: *On Human Nature* (1978) e, em co-autoria com Bert Hölldobler, *The Ants* (1990). Mas o seu legado estende-se bem para lá das fronteiras da biologia ou da própria ciência. As suas preocupações com os grandes problemas da actualidade são manifestações inequívocas do seu profundo humanismo. Um bom exemplo é a obra da sua autoria que passamos a apresentar. Numa época em que o hiato entre religião e ciência parece agravar-se, Wilson apela a uma união entre criacionistas e evolucionistas para salvar o próprio ponto de discussão entre ambos: a Vida.

A obra encontra-se estruturada em cinco capítulos, que integram um total de dezassete subcapítulos, contando ainda com uma breve informação biográfica sobre o autor no final. Escrito em linguagem acessível e atractiva, a que Wilson há muito habituou os seus leitores (apenas um ou outro termo técnico poderá implicar uma visita ao dicionário do leitor não especializado nas ciências naturais), o livro sai enriquecido com a inclusão de alguns episódios biográficos do próprio autor (por vezes humorísticos, outras vezes emotivos). A obra assume a forma de uma carta de que Wilson é o remetente. O seu destinatário, bem como o local de destino, permitem aos leitores conhecedores do percurso biográfico do autor antecipar uma leitura emotiva. A carta destina-se a um pastor baptista anónimo (eclesiástico da confissão religiosa em que Wilson foi criado e que, entretanto, abandonou) do sul dos EUA (local de origem do autor). Através desta carta, Wilson pretende convencer o pastor a contribuir para a união de esforços entre crentes e descrentes na preservação da vida na Terra, independentemente das respectivas convicções metafísicas. Porquê? Porque “Se religião e ciência se pudessem reunir sob o tecto comum da conservação biológica, o problema seria rapidamente resolvido” (p. 14). Visando persuadir um eclesiástico anónimo (figura hipotética que poderá personificar todos os que acreditam numa criação divina) de que a preservação da vida na Terra é vital para a nossa existência e uma responsabilidade de todos, Wilson procede a uma brilhante argumentação, invariavelmente baseada em fontes credíveis e diversificadas. O autor adopta um termo caro ao sector religioso para significar a vida na Terra, que serve, inclusive, de

título ao livro: a criação. Passo inteligente, porque intriga potenciais leitores com convicções religiosas a pegarem na obra de um autor conhecido pelo seu cepticismo. Passo inteligente, porque leva muitos descrentes a procurarem entender porque é que um humanista secular adoptaria o radical da palavra que simboliza um rival histórico do evolucionismo na explicação da diversidade e complexidade da vida (o criacionismo). Passo inteligente, porque o termo é introduzido com um valor neutro, apresentando-se como sinónimo da diversidade da vida na Terra, independentemente de ter sido arquitectada por uma inteligência divina ou evoluído a partir de formas de vida inferiores. A exposição de Wilson incide, embora não de uma forma rigidamente sequenciada, sobre três eixos fundamentais. Primeiro, o contributo do impacto humano para o estado degradante e preocupante em que se encontra a vida no nosso planeta. Segundo, a relevância da nossa [*Homo sapiens*] dependência física e espiritual da natureza. Terceiro, as propostas que o autor avança com vista à solução do problema, com o lugar central do processo reservado à biologia.

O impacto humano, consciente ou inconsciente, ontem como hoje, sobre a natureza é o tema mais explorado por Wilson ou longo do livro: “Mas, seguramente, nós [*Homo sapiens*] somos o meteorito gigante do nosso tempo, tendo começado a sexta extinção em massa da história fanerozóica. Estamos a criar um lugar menos estável e menos interessante para os nossos descendentes herdarem. Eles compreenderão e amarão a vida mais do que nós e não se sentirão inclinados a honrar a nossa memória” (p. 109). A acção humana tem contribuído de diferentes formas para a destruição da biodiversidade, colocando sob ameaça a estabilidade do mundo vivo. Se nada for feito para travar a sua desestabilização e degradação, o autor não tem dúvidas que o resultado será catastrófico, nomeadamente para os organismos mais complexos e com maiores dimensões (como os seres humanos). Wilson recorre ao seu objecto de estudo predilecto, os insectos, para ilustrar ao leitor a importância da biodiversidade e o quanto a própria existência da espécie humana está dependente da sua preservação: se os insectos se extinguissem iniciarse-ia um verdadeiro cataclismo de extinções em cascata, com consequências nefastas para o mundo vivo, incluindo os seres humanos. O autor critica a actuação de líderes políticos e religiosos na preservação do mundo vivo, manifestando-se particularmente alarmado com a despreocupação irresponsável de alguns sectores das sociedades actuais perante a degradação da natureza: “Caro pastor, aquilo que mais temo é a combinação generalizada de um tipo de ideologia religiosa e secular

que vê pouco ou nenhum mal na destruição da criação” (p. 111). A preocupação de Wilson está ligada ao “isencionismo”, uma manifestação clássica de antropocentrismo que atribui um estatuto especial à humanidade em relação às restantes formas de vida. Quer a sua versão secular, como a sua versão religiosa, adiam ou negam a necessidade de alterarmos a nossa posição em relação à natureza. A primeira porque confia no génio humano para resolver todos os problemas, a segunda porque coloca os destinos do mundo nas mãos de Deus. Um exemplo extremo deste tipo de posição irresponsável e perigosa que Wilson denuncia é a conduta de algumas confissões religiosas de raiz cristã que consideram irrelevante o estado do planeta por acreditarem que o segundo advento está iminente.

Em 1984, Edward Wilson adoptou o termo “biophilia” para significar a tendência inata dos seres humanos (de todos as idades, locais e culturas) para desenvolverem uma ligação emocional à vida e aos processos vivos (E. O. Wilson, *Biophilia*, Cambridge, Harvard University Press, 1984). Este postulado de Wilson tem, desde então, vindo a ser reforçado por resultados de vários estudos, maioritariamente provenientes da psicologia evolutiva, curiosamente uma disciplina com uma estreita ligação à “sua” sociobiologia. No fundo, Wilson sublinha a nossa necessidade da natureza, indispensável para o nosso bem-estar físico e espiritual, daí que “(...) o interesse próprio da humanidade é mais bem servido se não prejudicarmos excessivamente as outras formas de vida que ainda sobrevivem na Terra” (p. 43). A nossa dependência física da natureza dispensa uma exposição detalhada, o que leva o autor a enunciar alguns exemplos do quotidiano que ilustram elucidativamente a nossa relação espiritual com a natureza: “Imagine o choque da seguinte parangona: ÚLTIMO TIGRE ABATIDO A TIRO. A ESPÉCIE ESTÁ AGORA EXTINTA [ênfase do autor]” (p. 80). Como refere Wilson, podemos nunca ver pessoalmente certos animais raros ou de difícil localização, mas contentamo-nos em saber que ainda existem e que não se encontram ameaçados. E quem não deseja ter uma casa no campo, onde possa estar em contacto directo com a natureza?

Para a solução dos problemas relacionados com a degradação da vida na Terra, Wilson deposita as suas esperanças na ciência, sobretudo na biologia, enfatizando a importância de uma boa educação científica na construção de um mundo melhor: “O conhecimento científico, humanizado e bem ensinado, é a chave para alcançarmos um equilíbrio duradouro nas nossas vidas” (p. 23). A biologia, ciência que conheceu desenvolvimentos extraordinários nas últimas décadas, assume uma

importância fulcral no processo. Para Wilson, a biologia tornou-se “(...) a ciência principal, ultrapassando outras disciplinas, incluindo a física e a química, no tumulto criativo das suas descobertas e das suas controvérsias” (p. 141). Um estatuto que se deve, em grande medida, à riqueza do seu objecto de estudo: “Cada espécie merece ter vidas dedicadas ao seu estudo científico e ser celebrada por historiadores e poetas. Não se pode dizer o mesmo de cada protão ou átomo de hidrogénio” (p. 164). Vital para a saúde humana e para a gestão do ambiente vivo, para questões filosóficas ligadas à natureza da mente e da realidade e do sentido da vida, a biologia é ainda o elo de ligação entre os três principais ramos do ensino: as ciências naturais, as ciências sociais e as humanidades. À biologia competirá o papel principal na estruturação de uma educação científica adequada, o único meio de combater a ignorância sobre o ambiente, que deverá assentar sobre o seguinte princípio: “(...) porque somos parte dela, o destino da criação é o destino da humanidade” (p. 25). O autor dedica todo o Capítulo IV à importância da educação em biologia, fulcral para o bem-estar da humanidade e para a sobrevivência de todos os seres vivos. Wilson, professor universitário durante 41 anos, apresenta a sua própria proposta de intervenção pedagógica com vista a melhorar a leccionação da biologia (e até de outras disciplinas) nos diferentes níveis de ensino: 1º ensinar do geral para o particular; 2º promover estudos interdisciplinares; 3º privilegiar a resolução de problemas; 4º apostar na especialização sem comprometer os conhecimentos gerais; 5º dedicação, devendo o professor ser um exemplo disso mesmo e também um mentor para os seus alunos. A educação em biologia das crianças deve principiar cedo, desde logo pela promoção do seu contacto prematuro com o mundo natural. Outras das prioridades do autor é a aposta na colaboração entre investigadores amadores e profissionais no estudo da biodiversidade, com vista à obtenção de um conhecimento mais aprofundado do mundo natural. À medida que o conhecimento científico sobre a natureza humana e sobre a natureza viva for aumentando, Wilson acredita que “A ética central mudará e acabaremos por fechar o círculo e acarinhar toda a vida – e não só a nossa” (p. 94).

Não é necessário ler o livro de Edward O. Wilson para nos conscientizarmos da degradação do “estado de saúde” da vida no nosso planeta. Os graves problemas ambientais que enfrentamos (poluição, aquecimento global, sobrepovoamento, desflorestação, espécies em risco de extinção, entre outros) tornaram-se preocupações comuns de milhares (milhões?) de pessoas em todo o mundo. Tornaram-se parte do

*Zeitgeist*. Os problemas enunciados, bem como outros, marcam presença com grande assiduidade em programas televisivos, sítios da internet, artigos de revistas, colunas de jornais, encontros internacionais, discursos políticos e “conversas de café”. Estas preocupações estão a generalizar-se por todo o mundo. Estão a mundializar-se. É neste momento que a leitura do livro de Wilson assume toda a importância: estamos crescentemente preocupados com a preservação da vida no nosso planeta e queremos saber qual a melhor forma de o fazer. Poucos estarão em melhor posição do que Wilson para avançar com propostas inspiradoras e, simultaneamente, concretizáveis. Dotado da sensibilidade e da esperança de um mundo melhor dignos de um naturalista romântico, Wilson não negligencia, porém, a complexidade das sociedades contemporâneas na formulação das suas soluções, nomeadamente a componente económica: “O custo de salvar a maior parte da fauna e da flora da Terra seria relativamente trivial para a economia de mercado” (p. 131) e “Com a menor população que se puder alcançar dentro de um século e com um consumo *per capita*, maior e sustentável, distribuído mais uniformemente por todo o mundo, este planeta pode ser o paraíso. Mas apenas se levarmos também connosco o resto dos seres vivos” (p. 121).

Quanto a eventuais insuficiências da obra, Wilson aborda superficialmente alguns pontos de discussão com grande actualidade: os postulados de filósofos pós-modernistas sobre a objectividade da natureza; os argumentos dos que negam a degradação do ambiente; a polémica em torno do “desígnio inteligente”; as potenciais consequências da engenharia genética sobre a natureza humana. Seria proveitoso conhecer em maior profundidade as ideias de Wilson sobre estes temas, nomeadamente o último, que tem merecido a atenção de alguns dos pensadores mais influentes da nossa época, como Jürgen Habermas (J. Habermas, *O Futuro da Natureza Humana. A Caminho de uma Eugenia Liberal?*, Tradução de Maria Benedita Bettercourt, Coimbra, Almedina, 2006) e Francis Fukuyama (F. Fukuyama, *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*, Farrar, Straus and Giroux, 2002). De qualquer modo, Wilson deixa bem clara a sua opinião: “Não estamos a evoluir autonomamente para algo de novo. Nem é provável, num futuro próximo, que a nossa natureza básica seja modificada pela engenharia genética, como alguns escritores futuristas irreflectidamente prefiguram” (p. 43). Compreende-se que o autor não tenha desenvolvido a sua apreciação para não comprometer o objectivo principal do seu trabalho e/ou dar um volume indesejado ao livro. Acreditamos que outras disciplinas

para além da biologia têm potencialidades para dar um contributo importante para a preservação da biodiversidade. Edward O. Wilson é um biólogo, tornando-se compreensível que não complete o quadro de contribuições da biologia com o de outros campos do saber. Seria positivo que investigadores de diferentes disciplinas seguissem o exemplo de Wilson e avançassem com as suas ideias e propostas. De resto, acreditamos que as principais críticas possíveis de serem apontadas à obra estarão dependentes da posição metafísica de cada leitor. Wilson não pretende uma conciliação entre religião e ciência sobre a origem e complexidade da vida, deixando bem claro nas primeiras páginas do livro que não há sequer conciliação possível (nem literal, nem metafórica) do Génesis com o conhecimento científico. O que ambiciona é uma união de esforços para salvar a vida na Terra, propondo uma conduta ética, possível de ser adoptada com facilidade quer por crentes, quer por cépticos, sem comprometer as suas posições teológicas. No centro dessa conduta está uma preocupação comum a ambos. Uma preocupação comum que não fractura, mas que une: a salvaguarda da maravilhosa obra do Criador, para uns; a preservação dos fascinantes resultados de milhões e milhões de anos de evolução, para outros. Com essa união de esforços será mais fácil acreditar num mundo melhor para todos. Concordamos com Wilson quando afirma que “O grande desafio do século XXI é elevar as pessoas em todo o mundo a um nível de vida digno, preservando, simultaneamente, o máximo das restantes formas de vida” (p. 15) e subscrevemos o pedido do filósofo e historiador da ciência Michael Ruse, presente na capa e na contracapa da obra, “Por favor, leia este livro”.